

Revista Amazônia Jovem

7ª EDIÇÃO

Juventude LGBTQIAPN+
mais respeito, menos preconceito



Aludel Editora

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-11-0

Maio de 2025

Revista Amazônia Jovem

© 2025, copyright desta edição reservado à **Aludel Editora**.

Conselho Editorial

Alan Flor

Dalva Iloana

Glenda Duarte

Thiago Silva da Costa

7ª edição

Revisão de Alan Flor, Dalva Iloana e Glenda Duarte
Digitação Allan Rogério

Thiago Silva da Costa
[Editor e Organizador]

Revista Amazônia Jovem:

Juventude LGBTQIAPN+: mais respeito, menos preconceito.

Belém, Pa: Aludel Editora, Maio de 2025.

CNPJ: 54.649.941/0001 - 80

ISSN: 2965-7288

ISBN: 978-65-83527-11-0

A **Aludel Editora** não se responsabiliza pela opinião,
eventuais situações de plágios e utilização indevida
de I. A. (Inteligência Artificial) por parte dos autores.

Sítio eletrônico da publicação : <https://revistaamazoniajov.wixsite.com/my-site-1>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da **Aludel Editorial**, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).



Aludel Editora

S U M Á R I O

Apresentação: Em qual mundo você vive?	4
[Thiago Silva da Costa]	
Quem é <i>Queer</i> não pode esquecer a história	6
[Alan Flor]	
Uma agulha num palheiro	14
[Leticia Nunes]	
Nasceu um Fênix	17
[Jean Cristian]	
Metamorfose	19
[Yan] *	
Diferença	20
[Izie] *	
Meu orgulho é ser quem realmente sou	22
[Paola] *	
Ser quem sou não é errado. O preconceito, sim.	23
[Sofia] *	
O que é comunidade?	24
[Stephanie] *	
Lutar sem hesitar	26
[Leo] *	
Meus favoritos da sétima arte	27
[Gaab] *	
Vivências de LGBTQIAPN+ nas escolas	29
[Isabelle] *	
A descoberta	30
[Adriel] *	
A sigla LGBTQIAPN+	32
[Adriel] *	

* Nota do editor: Para garantir a segurança de alguns escritores seus nomes foram substituídos por pseudônimos, de modo a evitar eventuais situações de violência dentro e fora do ambiente escolar.

Revista Amazônia Jovem

Em qual mundo você vive?

Todos os dias aprendemos algo novo na convivência com outras pessoas, sejam elas de outras religiões, orientações de gênero, escolhas profissionais. Um aspecto importante da inteligência emocional mantém relação com a possibilidade de aprender com o outro, conviver em harmonia e respeito. A sabedoria poderia ser traduzida como uma forma de aprender com a diversidade, enxergar o mundo de maneira dialética, dinâmica e consciente das possibilidades de conexão entre as pessoas.

Uma pessoa que rejeita o convívio com as diferenças culturais, desconhece o potencial desse aprendizado para a existência humana e, consequentemente, deixa de enriquecer o seu próprio universo.

Esta 7ª edição da REVISTA AMAZÔNIA JOVEM, celebra a diversidade das inúmeras orientações de gênero, com os relatos dos integrantes da COMUNIDADE LGBTQIAPN+ que revelam a perspectiva. O nosso objetivo, sempre renovado em cada edição da revista, é o de promover um espaço acolhedor e fraterno, de aprendizado e convívio, que privilegia a diversidade, a tolerância e o direito civil como valores inofensíveis da cultura do diálogo na democracia. Como educador e editor, posso afirmar, que, por um lado, é uma satisfação imensa a oportunidade de convívio com os nossos professores, alunos e alunas da comunidade LGBTQIAPN+, e por outro uma insatisfação com a triste realidade ao sabermos do ódio e da violência perpetrados contra eles por uma sociedade que, muitas vezes, tende ao absurdo do isolamento das relações.



Fico me questionando: “em qual mundo vivem as pessoas que ignoram essas e outras diversidades, formas de amar, de pensar e viver a vida”? O mundo é repleto de diversidade, em variados aspectos, então quem vive à parte disso, optando por ideologias de ódio, homofobia, xenofobismo, racismo, transfobia, e por aí vai, inevitavelmente torna-se idiota. Os gregos antigos chamavam “*idiotês*” a todo aquele que vivia de modo isolado, sem dialogar, o que, para nós, em termos de ideia, aproxima-se do significado de “egoísta”. Esse comportamento é a base do ódio gratuito, da agressão física e simbólica a outriedade e, como tal, deve ser combatida, por todos. Um dos motivos de celebrarmos essa edição, diz respeito a necessidade urgente de nos unirmos nessa causa: a de congregar mentes e corações para promover a cultura de paz.

Revista Amazônia Jovem

Educadores, artistas, formadores de opinião, todos os integrantes da sociedade devem sempre estar atentos aos muros erguidos na cultura, aos sistemas ideológicos fundamentalistas, aos pensamentos retrógrados e toda e qualquer forma de violência a eles, e tantas outras comunidades que sofrem o descaso, a rejeição e a violência diária. O nosso papel, nesse contexto, é o de incentivar a nossa juventude a expressar a sua voz sem o medo de viver em um mundo sombrio que os persegue. Nossa missão, é a de compreender o quanto todos nós precisamos amar, ser amados e, para que isso aconteça de modo real, precisamos buscar a consciência, que é a ciência da conexão. Esperamos que os nossos leitores apreciem a leitura desta edição da revista e que possam fortalecer os laços que nos unem, a todos nós, na busca da felicidade. E, aproveitando essa oportunidade, parabenizamos o Professor Alan Flor, intelectual militante da causa LGBTQIAPN+, pela sua sensibilidade em acolher, ouvir, respeitar e valorizar os relatos de nossos alunos e alunas, integrando essa atitude ao amplo programa da ALUDEL EDITORA em promover os nossos jovens em suas falas e escritas de diversidade.

Boa leitura!



Biografia

THIAGO SILVA DA COSTA é editor da Aludel Editora, escritor, músico e professor de Religiões e Filosofia. É autor dos livros *Alguma coisa acontece* (2020), *Interregno: o instante da poesia* (2025), e organizador de diversas antologias publicadas pela Editora Aludel..

Revista Amazônia Jovem

Quem é *Queer* não pode esquecer a história

Eu fui um adolescente como qualquer outro: perdido à procura de um lugar no mundo, cheio de empolgação, certezas, desejos e sonhos, mas com quase nenhuma vivência e pouco conhecimento teórico sobre quase tudo. Quando estava na escola, confesso com um pouco de vergonha que não tinha apreço algum pelas aulas de história. Para o jovem imaturo que naquela época eu era, as aulas de história eram enfadonhas e me causavam muito sono. Hoje me arrependo, pois aprendi, depois de muito tempo, a importância do conhecimento histórico para o desenvolvimento da criticidade e, por essa razão, aprendi a valorizá-lo, ainda que tardiamente.

Para quem se identifica como queer, é importante sabermos como os nossos antepassados foram tratados em outras épocas para impedirmos por meio de luta, militância e resistência a repetição da história: para que não sejamos assim como o eu lírico da letra de música “O tempo não para”, composta por Cazuza e Arnaldo Brandão (1988): “Eu vejo o futuro repetir o passado / Eu vejo um museu de grandes novidades”.

Em poucas palavras, pessoas queers em outras épocas foram consideradas pecadoras, doentes e criminosas. Esses predicados altamente pejorativos ainda reverberam no aqui e agora e reduzem todos os dissidentes de gênero e sexualidade a uma coisa só – e é exatamente isso que nos tornamos socialmente. Eis, então, a nossa história única contada e recontada através dos tempos. Segundo Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 27-28),



“A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos”. Nesse sentido, os discursos que foram proferidos ao longo do tempo sobre pessoas queers – em que somos rotulados e estigmatizados única e exclusivamente como pecadores, doentes e criminosos – nos condenaram e ainda nos condenam a um processo de desumanização. Dessa forma, durante séculos, a nossa existência foi e ainda é negada, os nossos direitos foram e ainda são despojados, as nossas realidades foram e ainda são recusadas, liberdades básicas nos foram e ainda nos são restritas e as nossas vidas foram e ainda são controladas, rebaixadas, caricaturadas, patologizadas e criminalizadas.

Revista Amazônia Jovem

Para início de conversa, o pecado sempre esteve atrelado à homossexualidade. O cristianismo foi a primeira instância de poder religioso a atribuir aos dissidentes de gênero e sexualidade o rótulo de pecadores. Segundo Daniel Borrillo (2015, p. 47-48), “O cristianismo [...] transformará a heterossexualidade no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal”. Ainda conforme o autor, “o cristianismo inaugurou, no Ocidente, uma época de homofobia, totalmente nova, que ainda não havia sido praticada por outra civilização” (BORRILLO, 2015, p. 48).

No início, o cristianismo era apenas uma em meio a muitas religiões do Império Romano, mas não era aceito, pois era considerado uma ameaça à ordem social e ao poder imperial, uma vez que os cristãos demonstravam devoção a Jesus e não ao imperador e, por essa razão, passaram a ser perseguidos. As perseguições aos cristãos, contudo, não foram suficientes para acabar com o cristianismo. Muito pelo contrário, fortaleceram o povo cristão, que se expandia por todos os cantos do Império Romano, primeiramente entre as populações mais pobres e depois entre os mais abastados.

A chegada de Constantino ao poder mudou a relação do Império com o cristianismo. Em 313, o imperador converteu-se cristão e, por meio do Édito de Milão, pôs fim ao paganismo como religião oficial do Império Romano e permitiu que cultos de todas as crenças, inclusive cristã, ocorressem sem ameaça de violência ou perseguição.

Porém, em 380, Teodósio I decreta, por meio do Édito de Tessalônica, o cristianismo como religião oficial do Império Romano e, consequentemente, condenou o paganismo e as heresias, assim como puniu quem não professasse o cristianismo. Considerando a crença na qualidade natural e moral das relações heterossexuais monogâmicas e na prática nociva das relações homossexuais para o indivíduo e para a sociedade, o imperador romano, em 390, ordenou a condenação à fogueira de todos os homossexuais passivos. Essa medida foi justificada a partir de fundamentos bíblicos, como as narrativas de Sodoma e Gomorra, as prescrições lapidares do livro de Levíticos e as epístolas de Paulo, um dos discípulos de Cristo. Nesse sentido, não é à toa a condenação de homossexuais à fogueira. Essa punição mantém relação com o castigo ao qual Deus submeteu as cidades de Gomorra e Sodoma, que estavam dominadas pelo pecado: “Então o Javé fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra” (GÊNESIS, 19: 24).

Eis, então, o início da associação da homossexualidade ao pecado, que se estendeu por séculos e ainda persiste no hoje. Desde o Império Romano até o presente momento, as instituições de poder cristão, católicas ou protestantes, têm defendido a heterossexualidade monogâmica como natural e condenado a homossexualidade como pecado. Segundo Borrillo (2015, p. 57), “a Igreja [Católica] não se arrependeu das atrocidades cometidas contra os homossexuais; muito pelo contrário, ela persiste em justificar as discriminações de que eles ainda são vítimas”.

Revista Amazônia Jovem

O grande problema é que as instituições de poder político de diversos estados nacionais ao redor do mundo têm se apropriado do discurso religioso para impedir a concessão de direitos ao grupo LGBTQIAPN+. O Brasil, por exemplo, é um estado laico e, mesmo assim, deputados federais da bancada evangélica têm usado o discurso religioso para impedir que pautas como o casamento homoafetivo avancem e se tornem projetos de lei. Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) foi favorável à legalização da união homoafetiva. Contudo, em 2023, o casamento entre pessoas do mesmo gênero volta a entrar em pauta, só que dessa vez na Câmara dos Deputados. No dia 11 de outubro de 2023, foi aprovado pela Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família o projeto de lei que proíbe o casamento homoafetivo no Brasil. Para defendê-lo, o relator do projeto, deputado Pastor Eurico (PL-PE), pautou-se em argumentos utilizados desde os primórdios do cristianismo, quando, por exemplo, afirma que o comportamento homossexual é contrário à lei natural e o casamento entre pessoas do mesmo gênero não tem relação com a procriação.

Além disso, a Igreja Católica apresenta um passado demasiadamente sujo. Não é à toa que houve na Europa durante o século XVI a reforma protestante, que foi iniciada pelo monge alemão Martinho Lutero, e a reforma católica, que foi uma reestruturação da Igreja em resposta aos avanços do protestantismo e à perda de fiéis, a fim de continuar mantendo influência política e riqueza.

Atualmente, essa instância de poder religioso no Ocidente ainda fecha os olhos para os crimes cometidos por representantes do clero católico, a exemplo de padres, bispos e diáconos.

Dessa forma, a Igreja ataca dissidentes de gênero e sexualidade quando nos associa à pedofilia, mas não reconhece os inúmeros casos de abusos sexuais praticados por representantes religiosos do catolicismo contra crianças ao redor do mundo durante décadas. A respeito desse assunto, Judith Butler (2024, p. 91) é categórica quando afirma que a Igreja “comete um erro moral de proporções grosseiras ao projetar e exteriorizar o espectro de sua própria história abusiva sobre as minorias sexuais e de gênero como forma de responsabilizar os outros por seus próprios crimes”. Cabe acrescentar que notícias veiculadas em diversos jornais no Brasil também apontam um número expressivo de pastores evangélicos que foram acusados pelo crime de pedofilia.

Associada à ideia de pecado, a homossexualidade foi durante muito tempo considerada crime e, por essa razão, precisava ser punida. O famoso escritor irlandês Oscar Wilde, por exemplo, autor do romance *O retrato de Dorian Gray* (1890), foi condenado por sodomia em 1895. Trata-se de um dos primeiros julgamentos de celebridades da história moderna. Embora estivesse casado com Costance Lloyd e fosse pai de dois filhos, Cyril e Vyvyan Holland, Wilde tinha um relacionamento com o jovem Alfred Douglas e foi processado pelo pai do rapaz. O escritor permaneceu preso por dois anos e foi sentenciado a trabalhos forçados.

Revista Amazônia Jovem

O caso de Wilde atraiu a atenção de jornais do mundo inteiro e foi alvo de chacota e de demonstrações explícitas de discriminação. No dia do julgamento, o autor chegou ao tribunal recebido com vaias do público. Segundo Sherry Wolf (2021, p. 63), “Durante anos, Wilde permaneceu como o gay mais famoso do mundo”.

Outro famoso condenado por ser homossexual foi o inglês Alan Turing, considerado o pai tanto da ciência da computação teórica quanto da inteligência artificial. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, o cientista foi responsável por decifrar o código que os nazistas utilizavam para comunicações secretas. Esse grande feito ajudou a evitar ataques aos comboios de suprimentos e a obter informações sobre movimentações de tropas e sobre planos de batalha. Dessa forma, Turing desempenhou um papel significativo que contribuiu para derrotar o exército nazista e, consequentemente, proporcionou o encurtamento da guerra e impediu a morte de milhões de pessoas.

Apesar da contribuição para o término da Segunda Guerra Mundial, Alan Turing, em 1952, foi acusado por “indecência grave” por manter uma relação íntima e sexual com Arnold Murray, um jovem de 19 anos. Nessa época, atos homossexuais eram considerados crimes no Reino Unido. Quando foi condenado, Turing foi forçado a aceitar a castração química como alternativa à prisão.

Foi apenas em 2013, depois de mais de sessenta anos, que a rainha Elizabeth II concedeu perdão póstumo a Alan Turing e reconheceu a injustiça cometida contra o matemático por ser homossexual.

O perdão concedido ao cientista da computação foi um dos poucos concedidos pela monarca desde o término da Segunda Guerra Mundial. Em 2017, o Reino Unido também anulou a condenação de quase 70 mil pessoas perseguidas por causa da orientação sexual. Embora não devolva a Alan Turing a dignidade que lhe foi roubada, o perdão póstumo representa o reconhecimento pelas instâncias de poder político na Inglaterra do mal que foi cometido a uma figura importante para o avanço da ciência da computação e para o fim do Holocausto, assim como também de uma mancha vergonhosa na história do país.

A homossexualidade foi considerada crime na Inglaterra e no País de Gales até o final da década de 1960 e deixou de sê-lo no dia 27 de julho de 1967, com a aprovação da Lei de Ofensas Sexuais, que legalizou atos homossexuais consensuais entre homens maiores de 21 anos, mesmo que a idade de consentimento para atos heterossexuais estivesse fixada em 16 anos. Essa lei só foi estendida à Escócia em 1981 e à Irlanda do Norte em 1982. A idade de consentimento, por sua vez, foi igualada em 16 anos, independentemente da orientação sexual, apenas em 2001.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os homossexuais, assim como os judeus, foram condenados aos campos de concentração e extermínio. Enquanto estes eram identificados com dois triângulos amarelos em sentidos opostos e sobrepostos, que representavam a Estrela de Davi (símbolo do judaísmo), aqueles eram marcados com o triângulo rosa.

Revista Amazônia Jovem

Segundo Ken Setterington (2017, p. 90), “as forças aliadas tinham pouca simpatia pelos prisioneiros homossexuais. Elas vinham de países como Canadá, Inglaterra, Estados Unidos e Rússia, onde a homossexualidade ainda era ilegal”. Conforme o autor, os homens gays que cumpriram o período completo da sentença em campos de concentração foram provavelmente libertados, mas, se ainda houvesse pena pendente, eram mantidos encarcerados para cumprir o tempo que faltava. Setterington também afirma que homossexuais, mesmo depois de conseguirem a liberdade, ainda conheceram, quando voltaram aos antigos lares, o estigma de ter sido um prisioneiro marcado com o triângulo rosa. Depois da guerra, muitos alemães nem mesmo consideravam os prisioneiros homossexuais como vítimas do Holocausto.

Dessa forma, a homossexualidade, mesmo depois da guerra, foi considerada um delito punível em toda a Alemanha. Na Alemanha Ocidental, continuou sendo crime até 1969. De acordo com Setterington (2017, p. 91), “Entre 1949 e 1969 mais de 100 mil homens foram presos por serem homossexuais na Alemanha Ocidental. Muitos desses homens foram sentenciados a anos de prisão”.

Apesar de alguns avanços nas pautas LGBTQIAPN+ ao redor do mundo, ainda hoje manter relações sexuais com uma pessoa do mesmo gênero é algo que pode ser punido com a pena de morte em 11 países do mundo. A sentença pode ser executada de diferentes formas: forca, decapitação ou apedrejamento. Em alguns casos, aplica-se somente aos homens.

Além da pena de morte, 68 países ao redor do mundo proíbem as relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero. As sentenças variam de alguns meses a vários anos de prisão ou até mesmo a castigos corporais, como flagelações públicas.

Mesmo em países em que pessoas queers podem viver livremente, sem leis a hostilizá-las, a segregá-las, a persegui-las e a puni-las, dissidentes de gênero e sexualidade ainda podem sofrer inúmeras formas de violência (psicológica, moral, física etc.) e até mesmo ser assassinados violentamente. Nesse sentido, a luta por direitos LGBTQIAPN+ ainda precisa persistir, uma vez que não há conquista que não possa retroceder.

Durante o século XIX, a homossexualidade, embora ainda fosse considerada como pecado pelas instâncias religiosas cristãs, ganhou o status de doença em razão do discurso científico. Segundo Daniel Borrillo (2015, p. 64), a antiga hostilidade religiosa contra a homossexualidade, sobretudo de tradição judaico-cristã, recebeu apoio de um discurso revestido de linguagem científica, sobretudo na área da medicina. Nesse sentido, a ciência nessa época foi responsável por tornar “legítima a inferiorização e, às vezes, até mesmo o extermínio dos indivíduos considerados, daí em diante, não mais como pecadores, contrários à ordem divina, mas como perversos e perigosos para a ordem sanitária”.

Revista Amazônia Jovem

Borrillo afirma que os primeiros autores a discorrer sobre o tema da homossexualidade, a exemplo de Karl Heinrich Ulrichs, tiveram a intenção de lutar, pelo viés da medicalização, em favor da descriminalização dos comportamentos homoeróticos. Uma nova forma de hostilização contra quem fugisse ao padrão heterossexual, contudo, começou a ser delineada desde o final do século XIX, em razão de uma patologização da homossexualidade. Nesse sentido, os “invertidos”, em vez de serem excluídos, passaram a ser “endireitados”, “corrigidos” e “curados”, “a fim de adaptá-los melhor à norma imposta pelo modelo monogâmico heterossexual, único detentor da sexualidade legítima, insígnia exibida por uma classe ascendente” (BORRILLO, 2015, p. 67).

Seguindo a mesma perspectiva de Daniel Borrillo, Peter Fry e Edward MacRae (1985) afirmam que no Brasil colonial a prática da homossexualidade era considerada um pecado hediondo que despertava a ira de Deus, era censurado até mesmo pelo próprio Diabo e podia ser punida com a morte na fogueira. Irrompe, então, na segunda metade do século XIX na Europa e no Brasil uma preocupação médica com a homossexualidade e quaisquer relações sexuais extraconjugais, incluindo a prostituição. Consequentemente, difundiu-se nesse período, por meio do discurso médico-científico, a ideia de que a saúde da nação estava diretamente relacionada à constituição de uma família heterossexual e ao controle das sexualidades.

Desse momento em diante, os médicos reivindicaram para si mesmos o discurso de poder para dizer a “verdade” sobre todas as formas de sexualidade e, como desdobramento, tornaram-se agentes da gradual mudança de status da homossexualidade de “crime”, “sem-vergonhice” e “pecado” para “doença”. Nesse sentido, enquanto o “crime” merece “punição”, a “doença” exige a “cura” e a “correção”. Peter Fry e Edward MacRae elencam alguns possíveis “tratamentos” muito utilizados para “curar” a homossexualidade, como a estimulação aversiva, a lobotomia e até mesmo a castração química.

Esse discurso permaneceu por mais de um século entre o meio científico. Foi só em 17 de maio de 1990 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Essa decisão, embora não tenha acabado com o preconceito, ajudou a compreender a homossexualidade como uma identidade sexual que não precisa de cura. Apesar disso, Jean Ícaro (2021) demonstra que terapias conversivas para lésbicas, gays e bissexuais continuam vivas no Brasil, mesmo que esses “tratamentos” sejam proibidos no país desde 2019, em razão de uma liminar concedida pela ministra do STF Carmen Lúcia Antunes Rocha.

Revista Amazônia Jovem

Quase trinta anos depois, a OMS também deixou de considerar a transexualidade uma doença mental em 2018. A mudança foi oficializada em maio de 2019, durante a 72ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, na Suíça. A decisão respeita a diversidade de gênero e evita justificativas para quem proponha a cura ou o tratamento para a transexualidade.

Dessa forma, a história foi extremamente hostil e impiedosa com os nossos antepassados, que foram reduzidos a três coisas: pecadores, criminosos e doentes. Essas três palavras resumem a nossa história única ao redor do mundo, e é apenas isso que nos tornamos em outras épocas. Esses rótulos ainda assombram o nosso presente e podem colocar a perder o nosso futuro, e é por essa razão que precisamos conhecer a história dos nossos antepassados, que também é a nossa história. Não podemos permitir que a história se repita para que não percamos mais a nossa humanidade e, como desdobramento, para que a nossa liberdade não seja limitada, nem muito menos roubada. Todas as nossas conquistas, obtidas à custa de muita luta, militância e revolta, não podem sofrer nenhum retrocesso. Segundo Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 26), “História não é bula de remédio nem produz efeitos rápidos de curta ou longa duração. Ajuda, porém, a tirar o véu do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre nosso passado, nosso presente e sonho de futuro”. Dessa forma, aprendamos mais sobre a nossa história para que daqui para frente toda e qualquer pessoa queer no mundo inteiro possa viver livremente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Trad. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Trad. Guilherme João de Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, Judith. Quem tem medo do gênero? Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

CAZUZA; BRANDÃO, Arnaldo. O tempo não para. In: CAZUZA. O tempo não para. Rio de Janeiro: Universal Music Group, 1988. 1 CD. Faixa 6.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985.

ÍCARO, Jean. Cura gay: não há cura para o que não é doença. Porto Alegre: Taverna, 2021.

SETTERINGTON, Ken. Marcados pelo triângulo rosa. Trad. Sandra Pina. São Paulo: Melhoramentos, 2017.

Revista Amazônia Jovem

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WOLF, Sherry. Sexualidade e socialismo: história, política e teoria da libertação LGBT. Trad. Coletivo LGBT Comunista. São Paulo: Autonomia, 2021.



Biografia

ALAN FLOR formou-se em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, por onde também concluiu o Mestrado e o Doutorado em Letras: Teoria Literária. Atualmente, é professor efetivo de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Belém do Pará e está atuando nas escolas municipais de Ensino Fundamental República de Portugal, Comandante Klautau e João Nelson Ribeiro. É membro do Conselho Editorial da Aludel Editora. É coautor e organizador dos livros Jovens sonetistas (antologia poética), Liversos (antologia poética) e Tecituras literários I (coletânea de artigos na área dos estudos literários). É também autor do livro Minh'alma insatisfeita (antologia poética). Todos esses livros foram publicados pela Aludel Editora. É quase tudo aquilo que é considerado subversivo: gay, filho de mãe solo, amazônida, ateu, anticapitalista, feminista, professor e sagitariano com ascendente em Aquário. É no corpo e na alma um desassossegado, um insatisfeito por natureza.

Revista Amazônia Jovem

Uma agulha num palheiro

Ser bissexual é, com frequência, habitar um território de desconforto social – um espaço fluido que desafia a lógica binária e, por isso mesmo, tende a ser ignorado. Ainda hoje, parece inconcebível para muitos que alguém possa amar e se relacionar com mais de um gênero. Estar com um homem, como é meu caso atualmente, automaticamente me inscreve no imaginário heterossexual, como se minha identidade estivesse submetida à leitura do momento, e não à minha vivência.

Minha passabilidade como mulher hétero é um fenômeno que, ao mesmo tempo que me protege, também me coloca em uma posição delicada: justamente por não ser percebida como parte da comunidade LGBTQIAPN+, as pessoas se sentem à vontade para escancorar suas crenças mais preconceituosas ao meu redor. Ouço comentários, piadas e juízos que expõem com crueza aquilo que muitos só expressam quando acham que estão entre os “seus”.

Esse tipo de situação é um gatilho antigo. Volto à adolescência, ao ambiente escolar, onde frases preconceituosas eram ditas com descuido e riso fácil, inclusive por professores, líderes religiosos, figuras públicas, pais e outros adultos que moldavam o mundo à minha volta. Essas falas vinham disfarçadas de brincadeira, como se não tivessem peso, como se ninguém ali pudesse estar diretamente ferido por elas.



Biografia

Leticia Nunes nasceu em Macapá-AP, mas passou a maior parte de sua infância/adolescência no interior de Minas Gerais. Formou-se em Letras/Língua Portuguesa pelo Instituto Federal do Pará em 2018 e atua como professora de Língua Portuguesa e suas Literaturas em turmas do ensino médio na escola estadual Presidente Costa e Silva, onde é mediadora do clube de leitores Tanta Leitura.

Revista Amazônia Jovem

Hoje, como professora, carrego a responsabilidade de romper esse ciclo. Em sala de aula, luto para construir um ambiente onde comentários preconceituosos não encontrem espaço. Costumo lembrar aos meus alunos: não sabemos o que o outro vive. Não conhecemos sua religião, sua história, sua sexualidade. Fazer piada com aquilo que se imagina estar distante pode, na verdade, estar atingindo alguém muito próximo – alguém em processo de descoberta, ou que simplesmente ainda não se sente seguro para existir com plenitude.

Recentemente, em uma conversa informal durante uma festa, ouvi de uma pessoa mais velha um comentário que me atingiu com violência: “Você acredita que ela andava de mãos dadas com a namorada por aí, como se fosse normal?” A frase veio acompanhada de um riso incrédulo, diante de outros ouvintes. Eu estava ao lado do meu namorado, o que certamente reforçava a falsa impressão de que sou hétero. Senti aquele incômodo antigo, a vontade de me encolher, de sorrir para despistar, de calar para não causar. Mas, dessa vez, foi ele quem falou.

Com serenidade, mas firmeza, ele questionou: “Mas o que tem ela andar com a namorada dela? Isso é normal, é completamente normal.” A pessoa, desconcertada, ainda tentou justificar: “É, mas parecia que ela queria esfregar na sociedade, que ela também pode.” E meu namorado, que é alguém socialmente próximo dela, respondeu: “Mas ela pode mesmo.” Aquela intervenção me desarmou. Me aliviou. Porque me fez perceber, com clareza, que o desconforto precisa mudar de lugar. Quem expressa preconceito é quem deve sentir-se fora do tom – não quem simplesmente existe.

Esse gesto tão simples – mas tão raro – foi um lembrete de que o silêncio, diante da intolerância, só fortalece o opressor. Que toda pessoa que compreende o valor do respeito, dos direitos e da diversidade precisa mais do que “não concordar” com a LGBTfobia: é preciso se posicionar. É preciso interromper. É preciso fazer o outro repensar o que acabou de dizer.

Às vezes me pego questionando: será que, se estivesse com uma mulher, receberia o mesmo carinho, o mesmo respeito, a mesma escuta? O quanto da minha aceitação social está diretamente relacionada a essa aparência de conformidade com a norma? Por que é tão mais fácil gostar de mim quando me imaginam “dentro do padrão”?

Essas perguntas se desdobram em inquietações maiores. O que leva alguém a rejeitar o outro simplesmente por sua orientação sexual? Como tantos pais mantêm laços mesmo diante de erros graves, mas se veem incapazes de amar um filho LGBT? O que muda, de fato, naquele ser humano que sempre foi amado, quando passa a amar alguém do mesmo gênero?

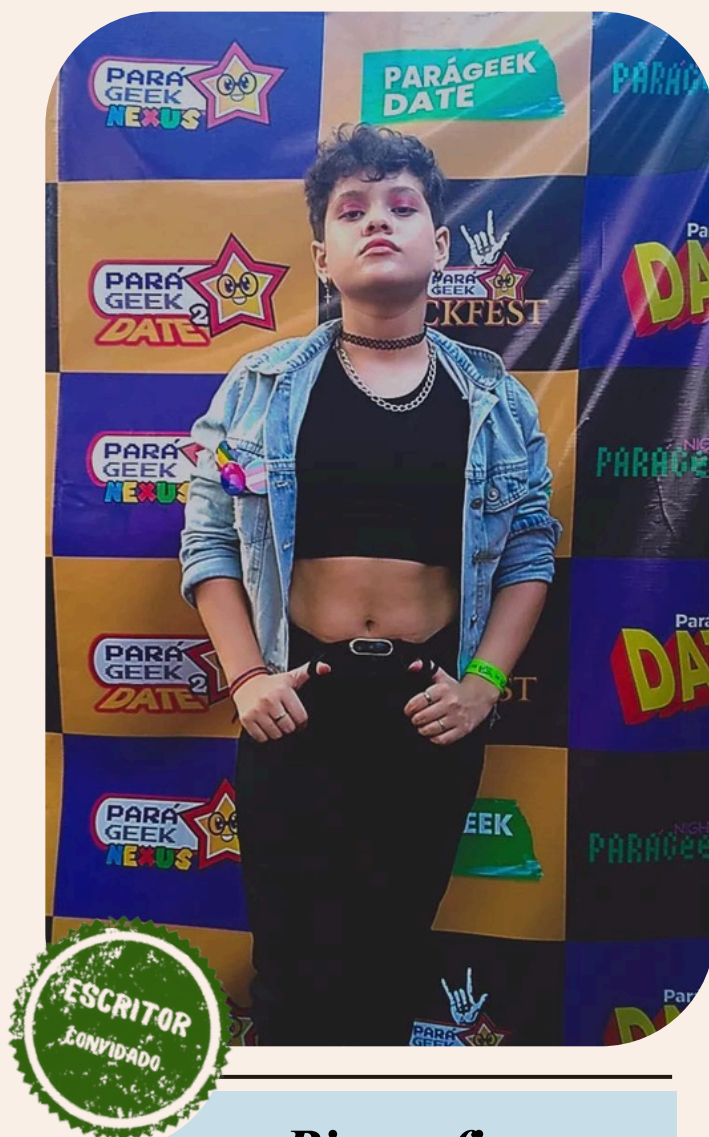
Ser bissexual é conviver com a constante necessidade de se justificar – como se fosse preciso explicar, provar ou escolher um “lado”. Estar em um relacionamento hétero não anula minha bissexualidade, não me exclui da comunidade, tampouco reduz a dor de ser apagada. Pior: é exatamente essa configuração que dá margem para que discursos violentos me alcancem com mais força, como se eu fosse cúmplice ou aliada de pensamentos que, na verdade, me ferem. Falo por mim, mas também por quem ainda não se sente seguro para falar.

Revista Amazônia Jovem



Por quem escuta calado, por quem tenta rir junto para não ser o alvo, por quem ainda está tentando se entender no mundo. A luta pela visibilidade bissexual – e por todas as vivências fora da norma – não é apenas por reconhecimento. É por dignidade. É por um mundo onde ninguém precise esconder sua verdade para ser respeitado. Um mundo onde ser quem se é não seja motivo de vergonha, mas um direito garantido.

Revista Amazônia Jovem



Biografia

Eu me chamo Jean Cristian. Tenho 18 anos, sou um homem trans e bissexual completamente assumido. Sou dançarino de balé, hip-hop, dança contemporânea e k-pop. Sou cantor e compositor. Sei tocar um pouco de violão e um pouco de piano. Além disso, sou escritor, e escrevo histórias apenas por diversão.

Nasceu um Fênix

A infância é algo confuso em minha mente, praticamente apagada, mas ainda tenho pequenas lembranças de ser uma criança doida que odiava usar camisa. Eu odiava as inúmeras barbies que eu ganhava no dia das crianças, no meu aniversário ou no Natal. Mas amava os carrinhos do meu tio, amava os bonecos dele e queria muito um boneco do Max Steel. Lembro-me até hoje de ter cortado o cabelo da minha boneca porque minha mãe não quis comprar um boneco para mim.

Em meio a esses prazeres da minha infância, havia o inferno de não me entender, de não saber o porquê eu não era como as outras garotas, de não saber me encaixar no meio delas, isso por volta dos meus dez para onde anos. Aos doze anos de idade, eu entendi que eu gostava de garotos e garotas. Eis minha primeira descoberta: eu sou bissexual.

Mas aos treze anos, um novo inferno na minha vida começou. Eu não conseguia me olhar no espelho. Eu não gostava do meu corpo ou da minha aparência em si, sempre magro demais, cabelo longo demais, e isso não me agradava. O bullying tornou-se algo frequente. Treze anos é a idade em que a maioria dos adolescentes entra na puberdade.

A puberdade feminina não é só uma vez, e sim a cada droga de mês, mas, voltando ao bullying, como adolescente, a vida ainda era confusa.

Revista Amazônia Jovem

A vida ainda era confusa e os padrões de beleza giravam em torno de mim. Sabe aqueles romances dos anos 2000 sobre garotas diferentes das outras garotas? Eu acabei sendo esse estereótipo ridículo, mas eu só era “a garota que parecia garoto”.

Mas a escola e o bullying não perduraram muito. Em 11 de março de 2020, a pandemia da Covid-19 começou. Vindo de uma escola pública, minhas aulas foram suspensas por tempo indeterminado. Em meio ao caos em que o mundo estava, eu pude pensar sobre mim, mas eu não queria pensar. Pensar que eu poderia ser tudo o que eu sempre me forcei a ser me assombrava. O meu reflexo era a pior coisa do mundo, me deixava com uma raiva imensa. A melhor solução era me esconder, mas era minha maior dor. Morrer parecia mais agradável do que me odiar a vida inteira. Foi aí que os cortes começaram. Eu queria sentir uma dor maior do que eu estava sentindo. A lâmina cortando meus braços, minha barriga e minhas coxas fazia a dor existencial não parecer nada e, ao mesmo tempo, fazia minha mente acalmar por estar sentindo uma dor física.

Descobrir-se trans não é como nos filmes: “Nossa! Vesti uma roupa masculina e gostei. Sou trans!”. Não, essa fantasia é péssima. Ser trans é mais complicado do que isso. Em primeiro lugar, você enfrenta a si mesmo, depois sua família e, por fim, o mundo.



Ser trans é ser forte para encarar um mundo que sempre vai te rejeitar, não importa o quão masculino você seja ou quão feminino você seja. Eu aprendi a amar tanto o meu lado masculino quanto o meu lado feminino. Agora aos meus dezessete anos, eu assumo para o mundo: eu sou um homem trans que ama usar roupas femininas. Eu sou Jean Cristian e sou uma Fênix.

Terminando de passar pela superfície da minha história, eis a pergunta que toda pessoa cis faz: o que é ser trans no Brasil?

“Ser trans é ser forte para encarar um mundo que sempre vai te rejeitar [...]. Eu aprendi a amar tanto o meu lado masculino quanto o meu lado feminino [...] Eu sou Jean Cristian e sou uma Fênix.

Revista Amazônia Jovem



Metamorfose

A metamorfose é um processo natural que acontece com todos os seres humanos. Nós crescemos e mudamos nossos pensamentos, trejeitos, vontades e sonhos. Viramos uma pessoa totalmente nova. A minha metamorfose ocorreu de uma forma diferente da que eu esperava. Eu esperava o que todos tinham, por isso foi estranho quando percebi que eu era diferente. Eu me esforcei para achar o que eu era, e eu achei: eu sou uma pessoa trans, e é isso que eu tenho de diferente.

Por falta de informações, eu achava que tinha que me encaixar em um padrão. Para ser trans, eu tinha que me vestir de tal jeito, falar de tal jeito, agir de tal jeito, mas eu não precisava. Bastava que eu fosse quem eu sou, porque ser uma pessoa trans já é algo fora de qualquer padrão.

Apesar das dificuldades, me descobrir trans foi como me tirar de uma caixa, mas também essa descoberta acabou por me colocar em outra: a caixa do medo.

Eu tenho medo de falar sobre mim abertamente. Quando eu cheguei a falar, as pessoas achavam mais fácil se fazerem de surdas, porque, afinal, era eu ali, uma pessoa normal, que eles conheciam. Não tinha cabimento eu ser trans. Alguns achavam mais fácil me catalogar como amiga lésbica, porque é mais fácil aceitar uma amiga sapatão do que um amigo trans.

Biografia

Meu nome é Yan (pseudônimo). Tenho 14 anos. Gosto de ler e desenhar. Escrever tornou-se um hobby recém-descoberto. Meu sonho é conseguir viver da minha arte.

Revista Amazônia Jovem



Diferença

A sensação de se sentir diferente com amigos, familiares ou pessoas do trabalho às vezes é uma questão sobre aparência, o que é bem dolorido, mas tem também aquela questão sentimental, sabe? Quando você sabe que é diferente não por motivos físicos ou até mentais, mas sim por gostar de pessoas do mesmo gênero. Foi dessa forma que eu me senti no começo. Saber que você gosta do mesmo gênero que o seu é assustador. Afinal de contas, muitos de nós crescemos com a ideia “menino com menina, menina com menino”. Eu me perguntava: “será que eu estou ficando doida?”.

No começo, eu não queria aquilo; eu negava com todas as minhas forças, mas lá no fundo a gente sempre sabe. Fiquei com medo de que as pessoas que eu tinha à minha volta fossem pensar sobre aquilo ou fossem mudar o tratamento que tinham comigo. Afinal de contas, a maioria das pessoas heterossexuais prefere não ter contato com pessoas LGBTQIAPN+, já que na cabeça de muitos deles isso é errado. Quando me deparei com essa situação, ali eu vi que as pessoas que realmente gostavam de me ter por perto me apoiariam naquilo. Gostar de uma pessoa do mesmo gênero não é crime, mas sim amor. Se fôssemos brigar por nossas diferenças, essa guerra nunca teria fim, porque todos nós temos diferenças, como raça, religião, cultura, sexualidade e muito mais.

Amar não é errado. Errado é tirar a vida de quem quer realmente viver. Você vai, sim, ser aceito. Talvez possa não ser por aquelas pessoas que você tem por perto, mas pode ser por aquelas que conseguem entender o seu sentimento. O melhor sentimento da minha vida tem um nome: bissexualidade. Isso é, sim, um sentimento. Ele só é difícil de lidar no começo, mas depois você vai aos poucos percebendo que ele faz parte de você, assim como faz parte de mim. No lugar certo, podemos brilhar como estrelas. Eu sempre senti essa diferença lá no fundo, e sei o quanto ela dói. Dentro de mim, sempre houve aquele medo de dizer: “mãe, pai, eu gosto de meninos e meninas”. Era como sentir a sensação de que algo estava se mexendo dentro da barriga, de que logo algo ia sair voando de dentro de mim.

Revista Amazônia Jovem



Outras duas pessoas também me ensinaram o que realmente é amor: Brena Tyciane e Emilly Victoria. Mesmo que o tempo possa nos distanciar, eu nunca vou esquecer o que aprendi sobre ternura. Elas são pessoas como eu, com a mesma orientação sexual, e isso fez com que eu as admirasse ainda mais. No fim, a “bobeira” sempre será a nossa maior característica. Não devemos fugir de quem realmente somos nem nos desculpar por sermos diferentes.

“Não devemos fugir de quem realmente somos nem nos desculpar por sermos diferentes.”

Biografia

Meu nome é Izie (pseudônimo), mas gosto que me chamem de Tine. Gosto de jogos, livros e Fórmula 1. Amo flores, principalmente lírios azuis. Quando crescer, pretendo fazer faculdade de Psicologia.

Revista Amazônia Jovem

Meu orgulho é ser quem realmente sou

Eu sempre soube que era “diferente”, porém nunca escondi aquilo que amo. Quando era pequena, me falavam que eu estava apenas confusa, diziam: “és nova demais para saber”, mas eu sabia, sabia que nasci e morrerei assim. Sempre fui uma criança astuta, sempre pensei: “não acho que o Deus justo que conheço me julgaria por amar”.

Me dizem que amar é uma escolha, mas lhes pergunto por que eu escolheria amar alguém, sabendo que nas ruas ou até mesmo dentro de casa posso morrer por esse amor. Já tive paixões por garotos e garotas.

Biografia

Meu nome é Paola (pseudônimo). Estudo na Escola Municipal de Ensino Fundamental República de Portugal e tenho 14 anos. Eu gosto de ler, pintar e entender astronomia.



Nenhuma foi uma escolha, mas todas fizeram parte da minha história. Para mim, não existe sentimento mais puro do que o do amor. Para mim, não existe regra no amor, porque amor de verdade é bom! Sem limites de tão bom! Me orgulho de quem sou, me orgulho de aceitar quem ama e me orgulho dos que não me julgam por apenas amar.

Me orgulho de ser uma pessoa bissexual. ♡

“Me orgulho de quem sou, me orgulho de aceitar quem ama e me orgulho dos que não me julgam por apenas amar.”

Revista Amazônia Jovem



Acredito que todos devem ter o direito de amar livremente, de ser quem são, sem medo de serem julgados, de andarem nas ruas sem medo de serem violentados. Afinal, gostar de alguém do mesmo gênero ou se identificar com o gênero oposto do qual lhe foi atribuído biologicamente não muda seu caráter e seu jeito de ser!

Sinto muito orgulho de mim, e espero que vocês, mãe e pai, possam sentir um dia também, porque eu amo garotas, e essa é quem eu sou, e ninguém pode mudar isso.

Biografia

Meu nome é Sofia (pseudônimo), tenho 14 anos, sou aluna da Escola Municipal de Ensino Fundamental República de Portugal. Minha cor favorita é vermelho. Adoro animais. Eu leio, não com a frequência de que gostaria, mas leio. E eu sou bissexual.

Ser quem sou não é errado. O preconceito, sim.

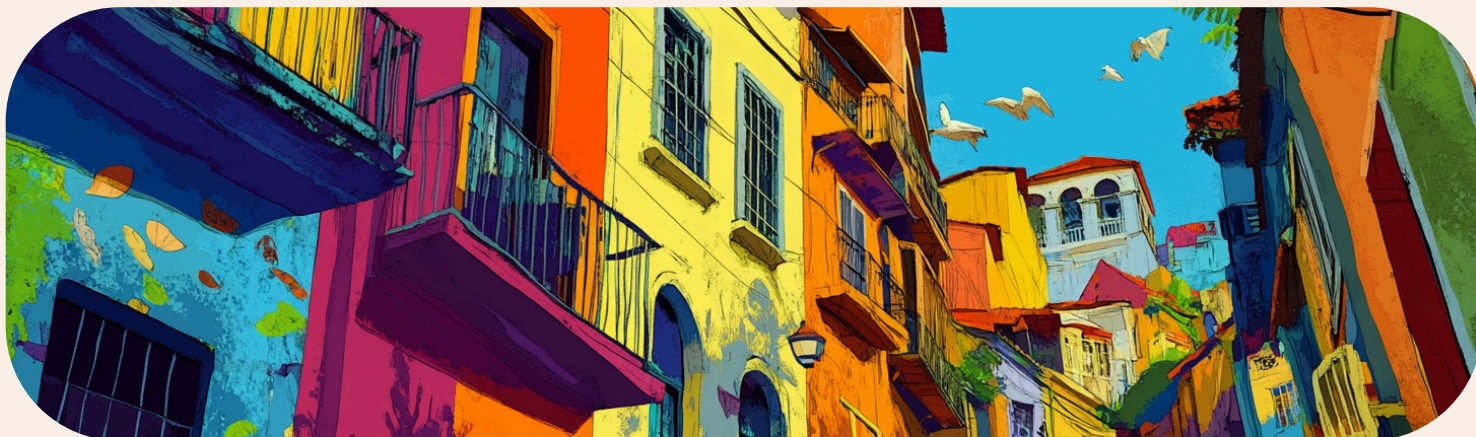
Eu amo ser LGBTQIAPN+, mas uma parte de mim sente medo: medo de ser julgada, medo de ser rejeitada pelos meus pais. Imagina você ser uma boa filha, uma boa aluna, uma boa pessoa, mas ser condenada por gostar de outras garotas.

Às vezes, eu me pego pensando: “E se eu assumir minha sexualidade? Eu vou decepcionar minha família?”. Mas, se eu esconder, vou estar renunciando a mim mesma.

Cresci ouvindo que é errado ser homossexual, que Deus condena isso, que se eu gostar de garotas sendo uma garota também, eu vou para o inferno. Mas, sinceramente, com isso nunca concordei, porque como pode um Deus que repudia tanto o ódio condenar alguém por amar?

Acredito que todos devem ter o direito de amar livremente, de ser quem são, sem medo de serem julgados, de andarem nas ruas sem medo de serem violentados.

Revista Amazônia Jovem



O que é comunidade?

Segundo os dicionários, comunidade é um conjunto de habitantes de um mesmo estado ou qualquer grupo social que proporcionam aos membros da comunidade um sentido de pertencimento e uma conexão por meio de interesses ou objetivos em comum. Sendo assim, a comunidade LGBTQIAPN+ acolhe pessoas que tangenciam os padrões de sexualidade, gênero e binariedade. São pessoas marginalizadas pela sociedade, as quais sofrem os mais diversos tipos de preconceito.

Há 50 anos nos Estados Unidos, na cidade de Greenwich Village, o marco zero do movimento LGBTQIAPN+ contemporâneo se iniciava. O movimento começa nas primeiras horas do dia 28 de junho (que agora é considerado o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+) de 1969, quando gays, lésbicas, travestis e drag queens enfrentaram polícias e iniciaram uma rebelião que lançaria as bases para o movimento LGBTQIAPN+ nos Estados Unidos e no mundo.

O Movimento LGBTQIAPN+ começou no Brasil em 1970. Nessa década, o país estava em meio a uma imensa ditadura civil-militar (1964-1985). A comunidade LGBTQIAPN+ usou a ditadura como uma forma de revolta, luta e militância contra LGBTfobia. O movimento passou a produzir publicações alternativas voltadas para a comunidade LGBT, entre as quais duas se destacam: os jornais Lampião da Esquina e Chana com Chana.

Fundado em 1978, o jornal Lampião da Esquina era abertamente homossexual, embora abordasse também outras questões sociais. O periódico frequentemente denunciava a violência contra pessoas LGBT. Em 1981, um grupo de mulheres lésbicas criaram o jornal Chana com Chana, que tinha como ponto de comércio o estabelecimento Ferro's Bar, frequentado por lésbicas. Os donos do local não aprovavam essa comercialização, o que acarretou a expulsão das mulheres que ali frequentavam em 1983. No dia 19 de agosto do mesmo ano, lésbicas, feministas e ativistas se reuniram nesse lugar, onde fizeram um ato político que resultou no fim da proibição da venda do jornal. Esse episódio ficou conhecido como "Stonewall brasileiro" e, por causa dele, comemora-se no dia 19 de agosto o Dia do Orgulho Lésbico no estado de São Paulo.

Revista Amazônia Jovem



Na década de 1980, a comunidade LGBTQIAPN+ sofreu um grande golpe. No mundo todo, uma epidemia do vírus HIV matou muitas pessoas. Entre as mais afetadas, destacam-se os membros do grupo LGBTQIAPN+. Esse problema de saúde pública alterou significativamente as organizações políticas do movimento. A síndrome trouxe mais um novo estigma pejorativo para a comunidade, que passou a ser compreendida como portadora e transmissora de uma doença incurável, à época chamada de “câncer gay”. As consequências dessa crise são sentidas até hoje, pois, nesse cenário, homossexuais ganharam um novo estigma, como vetores de doença mortífera, e a pauta da liberação sexual se esvaziou frente à nova crise de saúde pública. O Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+ é comemorado em 28 de junho e tem origem na Rebelião de Stonewall, um evento histórico que ocorreu em Nova York em 1969. Esse dia simboliza a necessidade de permanecermos na luta para que possamos garantir nossos direitos conquistados sem nenhuma forma de retrocesso e correr atrás de direitos que para nós ainda são negados.

O Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+ é comemorado em 28 de junho de 1969. Esse dia simboliza a necessidade de permanecermos na luta para que possamos garantir nossos direitos.”

Biografia

Olá, me chamo Stephanie (pseudônimo) e tenho 14 anos. Desde muito jovem, a música sempre foi a minha paixão. Sonho em trabalhar com a música, criando e compartilhando canções que toquem o coração das pessoas. Acredito no poder da arte como uma forma de expressão e transformação. Como uma jovem que faz parte da comunidade LGBTQIAPN+, quero usar minha voz para encorajar e apoiar outros jovens que estão passando por desafios semelhantes. É fundamental que todos se sintam valorizados e aceitos por quem são. Por meio da minha música, espero transmitir mensagens de amor, aceitação e coragem, mostrando que cada um de nós tem o direito de brilhar. A vida pode ser cheia de obstáculos, mas estou determinada a seguir meus sonhos e inspirar outros a fazerem o mesmo. Juntos, podemos criar um mundo mais inclusivo e amoroso!

Revista Amazônia Jovem

Lutar sem hesitar

Todas as pessoas têm sexualidade, mas eu não sei a minha ainda. Tenho medo do preconceito que posso sofrer por ser gay, bi, pan, entre outros, pois eles dizem que isso é coisa do demônio. Mas por que eu deveria acreditar neles? Afinal, o livro que eles chamam de Bíblia foi modificado mais de quatro ou sei lá quantas vezes. O preconceito tem que acabar, e nós iremos lutar por isso. Nós já perdemos uma pessoa LGBTQIAPN+ a cada 38 horas e sem contar com as pessoas trans que estão perdendo suas vidas muito mais que isso.

Iremos lutar!

Não perdoaremos qualquer preconceito!

Preconceito é crime! E isso deve acabar! Cansei de me esconder no armário. Eu estarei nas ruas lutando pelo nossos direitos. Mesmo não sabendo da minha sexualidade, ainda vou lutar. Afinal, pessoas morreram por isso e me esconder só vai piorar ainda mais para colocar um fim no preconceito. Da sua ajuda vou precisar. Não hesite e não se esconda! Lutar faz parte da vida.

“Preconceito é crime! E isso deve acabar! Cansei de me esconder no armário. Eu estarei nas ruas lutando pelo nossos direitos.”



Biografia

Eu gostaria de falar um pouco sobre mim. Eu me chamo Leo (pseudônimo), tenho 14 anos e sonho em ser dublador, artista e psicólogo. Eu escrevi este texto para que as pessoas saibam que elas não devem se esconder do preconceito e sim lutar contra ele. Um tempo atrás, acabei desenvolvendo um medo extremo, não do preconceito que EU poderia sofrer, e sim sobre o preconceito que meus amigos e meu parceiro poderiam sofrer. Por isso, eu decidi lutar por eles e pelas pessoas que têm medo de falar sobre seu gênero e sua sexualidade. Então, estarei aqui lutando por eles e por todos nós.

Revista Amazônia Jovem



Biografia

Oi! Eu sou o Gaab (pseudônimo), tenho treze anos e vou completar catorze no mês de junho, inclusive, bem no dia do Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+. Eu gosto de fazer muitas coisas, mas meus hobbies de fato são maratona séries, assistir a filmes e desenhar de vez em quando. Tento jogar vôlei, já que é o único esporte de que eu gosto. Não que seja um hobby, mas eu adoro brincar na rua e sair por aí com minhas amigas. Eu ainda não consegui decidir o que eu quero ser quando crescer, mas espero que eu seja bom em seja lá o que eu faça no futuro.

Meus favoritos da sétima arte

Quem nunca se imaginou vivendo em um romance de filme? Eu obviamente já, e eu, um adolescente gay, trago o longa-metragem *Young Hearts*. O filme, uma coprodução entre Bélgica e Países Baixos, passa-se no interior belga, em uma pequena vila, e conta a história de Elias (interpretado por Lou Goossens), um adolescente de 14 anos que conhece seu novo vizinho Alexander (interpretado por Marius De Saeger). Esses dois garotos passam a estudar juntos e desenvolvem uma amizade bem forte. Alex demonstra-se desde sempre confiante com a sua sexualidade, visto que ele já tinha se relacionado antes com outro garoto. Com o passar do tempo, Elias fica cada vez mais confuso com os seus sentimentos em relação a Alex. Com isso, Elias começa a duvidar da sua própria orientação sexual. De início, ele não conseguia compreender o que sentia por Alex, uma vez que ele já era feliz com sua namorada, Valerie (Saar Rogers).

Muita coisa ainda vai acontecer, mas só assistindo dá para sentir a emoção desse filme. O longa-metragem aborda o processo de descoberta e aceitação e até o receio de “sair do armário”. Esse filme, com certeza, é um dos meus favoritos, já que eu passei a me identificar com os personagens pelos acontecimentos e pela faixa etária também. O filme traz uma mensagem linda e uma abordagem sensível e otimista, principalmente sobre o amadurecimento.

Revista Amazônia Jovem



Agora vou falar sobre outro filme que não um romance, mas traz uma mensagem muito, muito importante sobre preconceito e suas reações. O filme é *Close*, que se passa na França, protagonizado por Leo e seu melhor amigo Remi, criados juntos desde quando eram bebês. A relação entre os dois é tão íntima quanto de irmãos. Os problemas começam quando eles se mudam para uma escola secundária e têm de enfrentar comentários maldosos a respeito da sua relação. Remi não dá ouvidos aos boatos, mas Leo é diferente. Na tentativa de provar que não havia nada demais entre os dois, Leo foi responsável por fazer Remi experimentar a dor de ser rejeitado, rejeitado pelo seu melhor amigo. Infelizmente, o filme não tem um final feliz, inclusive me fez chorar horrores. Tudo no filme é tão tocante: a mensagem, a história e até o silêncio surreal. Dirigido por Lukas Dhont, esse longa-metragem aborda temas sensíveis, como a masculinidade tóxica, a homofobia e a dificuldade que jovens têm de expressar emoções e vulnerabilidade.

Encerro aqui as minhas considerações sobre esses dois filmes que apresentam personagens gays em situações que atravessam as subjetividades de adolescentes que não atendem a um padrão hegemônico de masculinidade. Espero que eu tenha me expressado bem e tenha agradado a todos que leram o meu texto. Agradeço aos organizadores desta edição da revista *Amazônia Jovem* – Alan Flor e Thiago Silva da Costa – por essa oportunidade.

“Quem nunca se imaginou vivendo em um romance de filme? Eu obviamente já, e eu, um adolescente gay, trago o longa-metragem *Young Hearts*.”

Revista Amazônia Jovem



Vivências de LGBTQIAPN+ nas escolas

Imagine estar em um lugar onde você deveria se sentir seguro e acolhido, mas, em vez disso, é constantemente atacado e menosprezado por quem você é. Isso é o que muitos estudantes LGBTQIAPN+ enfrentam todos os dias nas escolas.

Essas pessoas são forçadas a esconder quem realmente são para evitar serem alvos de piadas cruéis, ameaças e até agressões físicas. O impacto disso vai além da sala de aula, afetando profundamente sua saúde mental e sua autoestima.

Mas o que podemos fazer para mudar essa realidade? É fundamental que as escolas criem ambientes acolhedores e seguros, onde todos possam ser respeitados e valorizados. Isso inclui educar professores e funcionários sobre diversidade e inclusão, além de implementar políticas claras contra o bullying.

Quando vemos alguém sendo vítima de homofobia, podemos fazer a diferença ao oferecer apoio e solidariedade. Podemos ser a voz daqueles que não conseguem falar por si mesmos. Juntos, podemos construir um futuro no qual todos possam viver com dignidade e respeito, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Biografia

Oi! Meu nome é Isabelle. Sou uma garota trans, tenho quinze anos, mas no dia 6 de junho vou fazer dezesseis. Faço aniversário bem no mês do Orgulho LGBTQIAPN+. Meus hobbies são ler livros, escrever no meu jornal, ir ao shopping gastar dinheiro, sair para jantar e passear. Não sei o que eu vou querer ser quando crescer, mas provavelmente vou ser arquiteta.

“Podemos ser a voz daqueles que não conseguem falar por si mesmos. Juntos, podemos construir um futuro no qual todos possam viver com dignidade e respeito.”

Revista Amazônia Jovem

A descoberta

Eu sou panromântica e assexual. Eu vou falar da minha jornada em relação à minha sexualidade. Eu não sabia o que era comunidade LGBTQIAPN+. Eu só conhecia as bandeiras gays e lésbicas, pois não tive oportunidade de obter conhecimento a esse respeito. Quando fiquei mais velha, conheci pessoas novas, e foi assim que conheci meu primeiro amor. Eu já tive outros relacionamentos, porém era com pessoas do mesmo gênero que o meu. Meu mundo caiu. Fiquei superconfusa e não sabia o que fazer, porque minha família era rígida. Eles iam ter nojo de mim, então eu reprimi meus sentimentos e os ignorei.

O tempo passou, e eu mudei de cidade, onde era tudo novo para mim: escola, bairro e pessoas. Quando fui para o meu primeiro dia de aula, eu estava tremendo, suando e nervosa. Eu me apresentei para a turma, e todo mundo me aceitou. Eu criei amizades boas que me contaram sobre a comunidade LGBTQIAPN+. Depois disso, eu fui me conhecendo e me descobrindo aos poucos. Percebi que aquilo não era um crime, mas sim uma forma de sexualidade tão válida quanto qualquer outra. Porém, a minha família naquela época não iria aceitar, e esse ainda é o meu medo, mas eu sei que chegará o dia em que eu poderei me assumir, mas a minha felicidade ainda está de pé.



Biografia

Meu nome é Adriel (pseudônimo). Gosto de tocar violão, guitarra e teclado. Gosto de desenhar. Gosto de ler poemas. Infelizmente, no momento, só tenho a minha mãe. Gosto de viajar e sou um pouco antissocial. Eu tenho quinze anos. Sou panromântica e assexual.

Revista Amazônia Jovem

Eu me lembro que depois de um tempo me apaixonei por uma pessoa transgênero. Se antes eu já estava confusa, naquele momento fiquei mais ainda, contudo era uma questão de tempo. Acabei perdida num momento de amor, e essa foi minha jornada de descoberta quanto à minha sexualidade: heterossexual, lésbica, bissexual até chegar a me identificar como panromântica. Foi assim que me descobri. Um dia, eu vou me assumir, mas acredito que esse dia está longe.

Agora eu vou falar sobre a minha assexualidade. Todos já tiveram o seu momento ardente, que deixou alguns sem jeito e outros com desejo, porém eu não senti esse desejo. Pensei que estava com defeito, mas só foi um sentimento confuso novamente. Como me descobri? Eu vou contar a minha experiência. Na época, eu estava namorando um rapaz, porém só senti paixão, mas ele tinha segundas intenções. Estávamos aos beijos, quando ele sussurrou no meu ouvido palavras que, para mim, não faziam muito sentido. Ele me olhou esperando uma reação específica, mas o meu olhar de espanto não transmitiu nem de longe aquilo que ele esperava. Naquele dia em diante, ele continuou tentando, mas eu permanecia confusa sem entender e, por essa razão, corri atrás para saber e descobri que a falta de desejo sexual não é um defeito. Um dia, desabafei com uma amiga que riu e disse que eu não estava com defeito, e sim que aquele garoto queria se aproveitar de mim.



Para minha surpresa, conheci também uma pessoa que é próxima de mim e se identifica assim como eu. Minha tia também me confessou que não tinha atração sexual por ninguém e acabou se descobrindo assexual. Essa confissão foi, para mim, como um balde de água fria, pois passei a me perceber também como assexual.

Moral da história: tenha paciência. É normal ter medo e ficar sem jeito quando você perceber que tem uma forma de sexualidade diferente. Descobrir-se é como uma página de livro. Você só vai compreender se você a ler. Então, olhe para você e para o seu coração. A vida pode ser uma escada. Para isso serve o corrimão. Meu texto encerra por aqui. Então, eu acho que isso é um tchau. Tchauzinho, amiguinhos!




“Descobrir-se é como uma página de livro. Você só vai compreender se você a ler.”

Revista Amazônia Jovem

A sigla LGBTQIAPN+




A sigla LGBTQIAPN+, que representa a comunidade LGBTQIAPN+, evoluiu muito ao longo do tempo. Essas mudanças refletem o crescimento da consciência e da diversidade dentro do movimento. Inicialmente, a sigla era GLS, representando apenas gays, lésbicas e simpatizantes, porém essa forma de representação não abarcava a vasta pluralidade dos dissidentes de gênero e sexualidade. Por essa razão, a sigla, posteriormente, passou a ser LGBT, com a inclusão de bissexuais e travestis/transsexuais. Mesmo assim, mais mudanças com o tempo tornaram-se necessárias. A verdade é que a sigla é um espaço de inclusão e, por essa razão, sempre estará aberta para inserir membros que fogem a qualquer padrão cisheteronormativo. A expansão da sigla para LGBTQIAPN+, portanto, busca incluir e representar a diversidade de orientações sexuais, identidades de gênero e expressões de gênero, como queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não binários, entre outros.

Eis um quadro que resume o que significa cada letra inserida na sigla LGBTQIAPN+:

NOMECLATURA	DEFINIÇÃO	BANDEIRA
LÉSBICAS	Mulheres que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres.	
GAYS	Homens que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens.	
BISSEXUAIS	Pessoas que sentem atração afetiva e/ou sexual por homens e mulheres.	

Revista Amazônia Jovem

A sigla LGBTQIAPN+

TRANSEXUAIS, TRANSGÊNEROS OU TRAVESTIS	Pessoas cuja identidade de gênero é diferente do sexo biológico atribuído no momento do nascimento.	
QUEER	Pessoa que não se encaixa nas ideias tradicionais de gênero ou sexualidade.	
INTERSEXUAIS	Pessoas cujas características biológicas não se enquadram ao que é socialmente esperado como feminino ou masculino.	

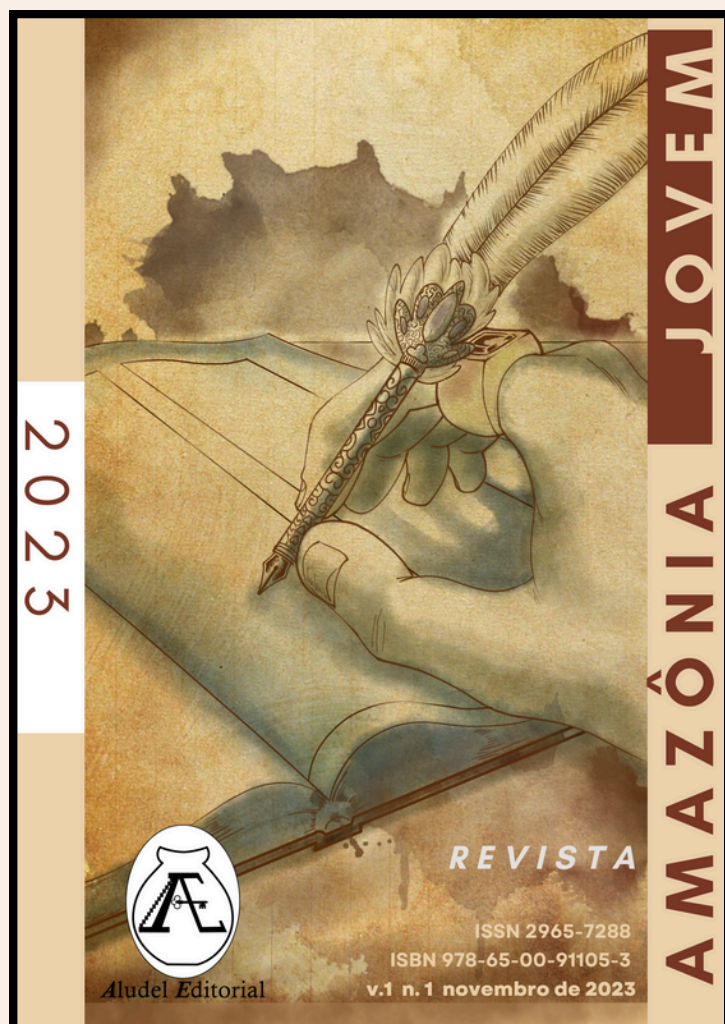
Revista Amazônia Jovem

A sigla LGBTQIAPN+

ASSEXUAIS	Pessoas que têm como característica ausência total ou parcial da atração sexual por outras pessoas.	
PANSEXUAIS	Pessoas que se atraem por pessoas, independentemente do gênero.	
NÃO BINÁRIOS	Pessoas cujo gênero não se enquadra no contexto binário homem-mulher.	
+	Esse sinal visa a incluir pessoas que não seguem um padrão cisheteronormativo e não se enquadram nas definições anteriores.	
LGBTQIAPN+	Qualquer pessoa que não se identifique com a identidade de gênero e/ou a orientação afetivo-sexual socialmente privilegiadas, ou seja, com a cisheterossexualidade.	

Revista Amazônia Jovem

EDIÇÕES ANTERIORES



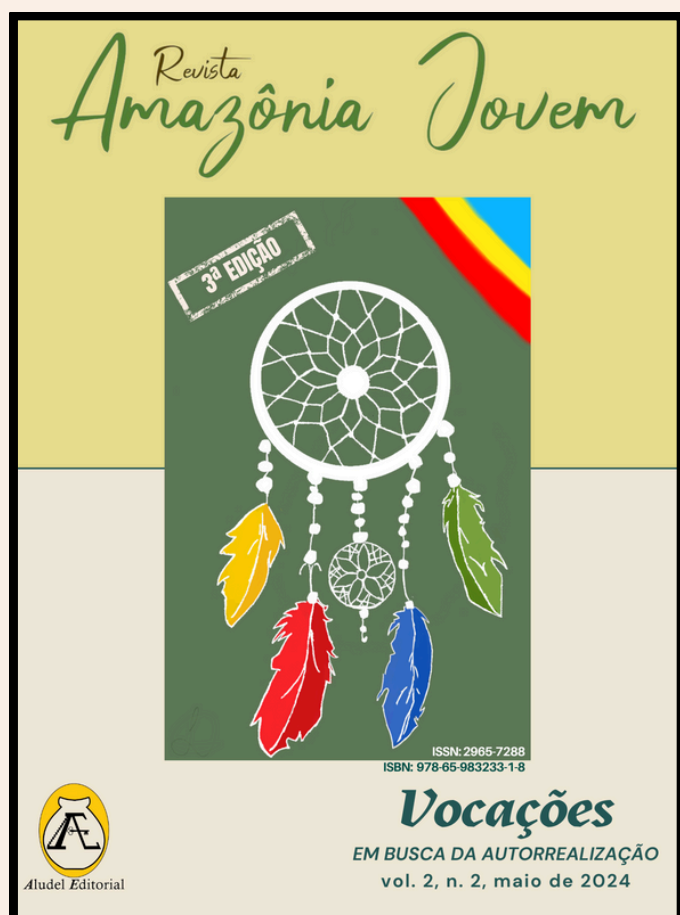
1ª edição



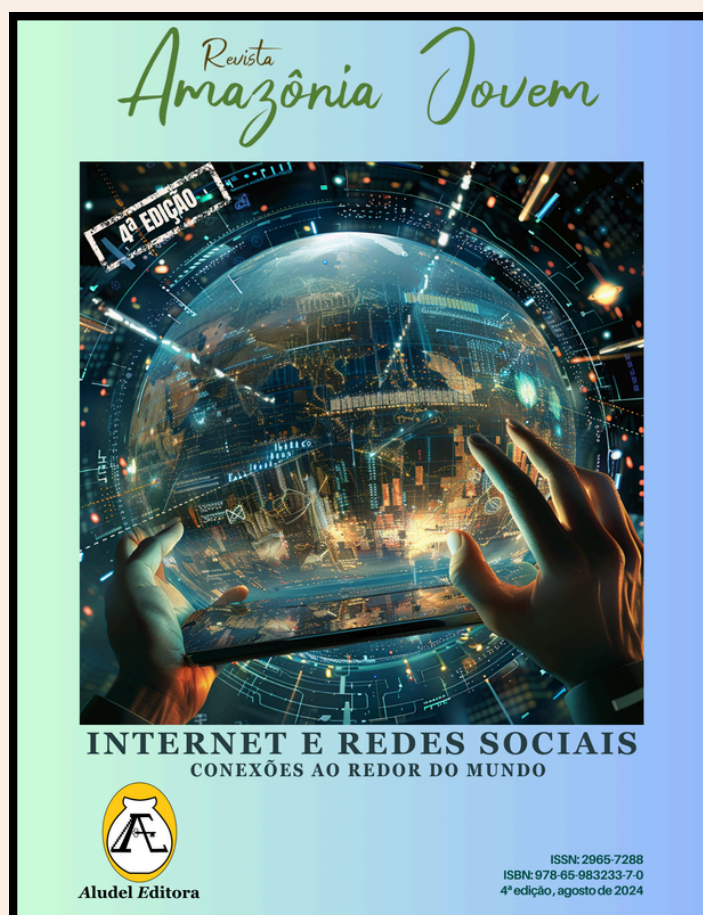
2ª edição

Revista Amazônia Jovem

EDIÇÕES ANTERIORES



3ª edição



4ª edição

Revista Amazônia Jovem

EDIÇÕES ANTERIORES



5ª edição



6ª edição

Revista Amazônia Jovem

REVISTA AMAZÔNIA JOVEM

7ª edição



Acesse o site da Revista
Amazônia Jovem pelo
QR Code ao lado



www.aludel.com.br

Revista Amazônia Jovem



Aludel Editora

ISBN: 978-65-83527-11-0



9 786583 527110